

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**SETOR DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: ÉTICA, POLÍTICA**  
**E EDUCAÇÃO**

**JOHN RAFAEL DE CASTRO NEVES**

**DIAGNÓSTICO DA PÓS-MODERNIDADE: UMA REFLEXÃO FILOSÓFICA**

**CURITIBA**

**2015**

**JOHN RAFAEL DE CASTRO NEVES**

**DIAGNÓSTICO DA PÓS-MODERNIDADE: UMA REFLEXÃO FILOSÓFICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Gelson João Tesser

**CURITIBA**

**2015**

*“A modernidade líquida é uma civilização do excesso, da redundância, do dejetos e do seu descarte”.*

Zygmunt Bauman

## **RESUMO**

Este trabalho será embasado em pensadores das Ciências Humanas e tem como objetivo esboçar através do diagnóstico da sociedade contemporânea possíveis razões que levaram a humanidade a vivenciar sua realidade, o que culminou nos atuais tipos de relações entre os seres humanos e deles para com o mundo ao seu redor, fazendo alusões à “educação” para que se pense numa humanidade que reflita sobre seu modo de agir. O imediatismo da sociedade contemporânea está tão introjetado que as pessoas já não se apercebem dele, o homem não tem mais paciência para resultados demorados: a rapidez, a agilidade e a eficiência tomam conta das características de todos os setores da sociedade. As relações humanas se tornam líquidas e descartáveis assim que os interesses por nós e com os quais nos relacionamos são saciados pelo mundo do consumo ou quando já não são preenchidas mais as necessidades que um tem pelo outro. Serão abordadas questões vivenciadas pela atual sociedade, propondo reflexões de como o processo reflexivo pode se fazer presente frente ao diagnóstico feito sobre a pós-modernidade.

**Palavras-chave:** Filosofia – Educação - Pós-Modernidade

## **ABSTRACT**

This work will be grounded in thinkers of Humanities and aims to sketch through the diagnosis of contemporary society possible reasons that led humanity to experience their reality, culminating in today's types of relationships between humans and them for the world to around them, alluding to the "education" so that we think of a humanity to reflect on their ways. The immediacy of contemporary society is so internalized that people no longer perceive it, the man has no more patience for lengthy results: speed, agility and efficiency take account of the characteristics of all sectors of society. Human relationships become liquid and disposable so that the interests for us and with whom we deal are filled by the consumer world or when they are no longer met the needs that one has for the other. They will address issues experienced by today's society, proposing reflections on how the reflective process can be present when diagnosis made on post-modernity.

**Keywords:** Philosophy – Education - Post-Modernity

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	06
1. REFLEXÕES SOBRE A PÓS-MODERNIDADE .....	09
2. A EDUCAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE.....	25
3. A IMPORTÂNCIA DA REFLEXÃO NO CONTEXTO PÓS-MODERNO .....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
REFERÊNCIAS.....	38

## INTRODUÇÃO

A sociedade pós-moderna exige argumentos e análises muitas vezes complexas para que se obtenha um panorama real das relações política, econômica e social vigentes no mundo. Sua transição, de moderna para o pós-moderna, não foi tão simples e do dia para a noite, foi uma construção de conhecimentos científicos e aprofundamento acerca do ser humano. Podemos aqui citar pensadores como Freud, Nietzsche e Sartre, que elaboraram conhecimentos acerca da sua realidade, além do que dois grandes momentos históricos para a humanidade como as duas grandes guerras mundiais, suas causas, consequências e reflexões originadas sobre elas.

Um dos grandes eventos que auxiliou nessa transição foi a Guerra Fria (chamada assim porque ficou no campo ideológico entre EUA e URSS, hoje Rússia, para a implantação do seu sistema político-econômico) que teve início após a Segunda Guerra Mundial e teve duração por aproximadamente 4 décadas. Os países demonstraram sua influência política diante dos demais estados mundiais, fizeram alianças e propagaram suas ideias de como deveriam ser os valores de uma sociedade pós-guerra.

Outros pontos a serem considerados nessa análise é a primeira ida do homem ao espaço (na década de 60) com a demonstração clara de que além de habitar o planeta Terra poderia descobrir novas formas de vida, recursos e novos espaços onde pudesse habitar, originando a corrida espacial entre as grandes potências EUA e URSS (na época). Além desse evento, houve o Festival de Woodstock, no estado em Nova York, que promoveu três dias de expressão musical e também da liberdade individual no final da década de 1960; a sociedade conservadora dessa década expandiu seus interesses e buscas ao ver uma multidão de pessoas manifestando suas opções, suas vontades e seus desejos deliberadamente.

Porém o grande salto da modernidade para a pós-modernidade foi dado por volta da década de 1970 com o desenvolvimento da informática, que culminou na Era da Informação e em conexões com tudo e com todos em tempo real, independente da distância espacial.

Como consequência da Era da Informação, atualmente o homem faz parte de um sistema de relações virtuais no qual se torna um instrumento educado para a

reprodução de ideias subjugadoras e alienantes. O sistema neoliberal é criado, se retroalimenta e se torna cada vez mais potente em todos os tipos de relação que o homem pode estabelecer: dele consigo mesmo, com os outros que se relaciona e também com o mundo no qual habita.

Este trabalho pretende esboçar através do diagnóstico da sociedade contemporânea possíveis razões que levaram a humanidade a vivenciar sua situação atual que culminou nos atuais tipos de relações entre os seres humanos e deles para com o mundo ao seu redor, fazendo alusões à “educação” para que se pense numa humanidade que reflita sobre seu modo de agir.

A metodologia, de caráter bibliográfico, agrega visões e se apoia sob a perspectiva das contribuições propostas pelos estudos de pensadores contemporâneos das Ciências Humanas como Lipovetsky, Bauman, Foucault, Habermas, dentro outros, que auxiliarão em uma compreensão mais próxima dos tempos atuais. Mesmo que os autores escolhidos ofereçam diferentes perspectivas sobre o mesmo objeto de estudo, suas abordagens são válidas, pois fazem com que se enriqueça a descrição e proporcione uma análise filosófica mais próxima exigida frente à complexidade contemporânea.

Esta monografia está organizada da seguinte forma: o primeiro capítulo será chamado de “Reflexões sobre a Pós-Modernidade”, onde se pretende abordar de maneira generalista questões vivenciadas pela atual sociedade e como se dão as relações humanas; no segundo que se intitula “A Educação na Pós-Modernidade” se propõem reflexões de como o processo educativo se faz presente frente ao diagnóstico da atualidade, e no terceiro e último capítulo, chamado de “A importância da reflexão no contexto pós-moderno” complementa-se este trabalho ao propor a importância da retomada do processo reflexivo na atual sociedade para o seu próprio entendimento e compreensão do seu lugar no mundo.

O primeiro capítulo deste trabalho terá um desenvolvimento mais longo devido à importância de se fazer um diagnóstico elaborado e uma descrição mais completa sobre a atualidade da sociedade. O segundo capítulo se utilizará das reflexões anteriores e abordará especificamente o ponto de vista educacional; o terceiro será um complemento de todo o processo diagnóstico.

O homem do século XXI está diante de um cenário em que são necessárias reflexões sobre o seu contexto, que os efeitos das relações humanas se tornem mais conscientes do seu papel e que, através de um processo filosófico, tenha-se o

conhecimento das possíveis consequências de um agir desmedido e inconsequente; reflexões no contexto pós-moderno são necessárias para que se entenda melhor o mundo; assim, justifica-se este trabalho.

## 1. REFLEXÕES SOBRE A PÓS-MODERNIDADE

Na era em que se vive são tantos os questionamentos e desafios vivenciados pelo homem que torna-se impossível, no bom sentido da palavra, se é que ele existe, fazer uma perfeita descrição dessas questões. O mundo sempre foi e tornou-se cada vez mais complexo pelas relações estabelecidas entre os homens (entre si) e as relações destes com o mundo no qual habita.

Ao falar sobre esse processo de transição do que se chama “modernidade” para a “pós-modernidade”, Bauman (2005) delineia um ponto muito relevante a este trabalho, que é a questão das migrações que houveram no mundo e a sua importância para viver-se da maneira com que se vive hoje.

Desde o princípio, a era moderna foi uma época de grandes migrações. Massas populacionais até agora não calculadas, e talvez incalculáveis, moveram-se pelo planeta, deixando seus países nativos, que não ofereciam condições de sobrevivência, por terras estrangeiras que lhes prometiam melhor sorte. As trajetórias populares e prevaletentes mudaram com o tempo, dependendo das pressões dos “pontos quentes” da modernização, mas, no todo, os imigrantes vagaram das partes “mais desenvolvidas” (mais intensamente modernizantes) do planeta para as “subdesenvolvidas” (ainda não atiradas para fora da balança socioeconômica sob o impacto da modernização. (BAUMAN, 2005, p. 50).

Aqui evidencia-se que os valores pertinentes à época era de que o mundo deveria ser desbravado, conquistado, e que toda a sua extensão e recursos eram infinitos. Isso fomentou o aumento de uma mentalidade cada vez mais forte do homem como um corpo, e o corpo como sendo uma ferramenta de lugar no mundo e de processos de conquistas não coletivos, mas sim individualistas.

Com as migrações, a conquista de novos espaços, terras desconhecidas e ainda inabitadas, fez com que os modos de produção se aperfeiçoassem e pudessem ser sistematizados em uma filosofia de luta de classes, podendo aqui fazer uma alusão ao pensamento de Marx, que bem desenvolveu esse assunto através do materialismo histórico<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> *Materialismo histórico*: termo utilizado na filosofia marxista para designar a concepção materialista da história, segundo a qual os processos de transformação social se dão através do conflito entre interesses das diferentes classes sociais: “Até o presente toda a história tem sido a história da luta entre as classes, as classes sociais em luta umas com as outras são sempre produto das relações de produção e troca, em uma palavra, das relações econômicas de sua época; e assim, a cada momento, a estrutura econômica da sociedade constitui o fundamento real pelo qual devem-se explicar em última análise toda a superestrutura das instituições jurídicas e políticas bem como as

Voltando ao processo migratório das massas populacionais, Bauman (2005), utiliza-se de uma reflexão materialista ao tratar o homem como um corpo que presta serviços e serve para ser explorado até o momento em que for útil ao crescimento econômico e aos interesses de quem emprega. Após o seu esgotamento ou até mesmo à sua incapacidade de contribuir para esse crescimento, é considerado como uma massa morta, inútil, o que gera uma superpopulação.

“Superpopulação” é uma ficção atuarial: um codinome para a aparição de um número de pessoas que, em vez de ajudarem a economia funcionar com tranquilidade, tornam muito mais difícil a obtenção, para não falar a elevação, dos índices pelos quais se mede e avalia o funcionamento adequado. A quantidade desses indivíduos parece crescer de maneira incontrolável, aumentando continuamente as despesas, mas não os ganhos. Numa sociedade de produtores, essas são as pessoas cuja mão-de-obra não pode ser empregada com utilidade, já que todos os bens que a demanda atual e futura é capaz de absorver podem ser produzidos – e produzidos com maior rapidez, maior lucratividade e de modo mais ‘econômico’ – sem que elas sejam mantidas em seus empregos. Numa sociedade de consumidores, elas são os ‘consumidores falhos’ – pessoas carentes do dinheiro que lhes permite ampliar a capacidade do mercado consumidor, e que criam um novo tipo de demanda a que a indústria de consumo, orientada para o lucro, não pode responder nem ‘colonizar’ de maneira lucrativa. Os consumidores são os principais ativos da sociedade de consumo, enquanto os consumidores falhos são seus passivos mais irritantes e custosos” . (Bauman, 2005, p. 52-53).

É nesta sociedade em que se privilegia o homem pelas suas capacidades de contribuir para a manutenção e fortalecimento de um estado político-econômico que se torna impossível falar de contemporaneidade se não forem abordados temas sobre o contínuo aprimoramento tecnológico e científico, a rapidez dos serviços prestados e a qualidade cada vez mais “qualificada”<sup>2</sup> destes serviços.

Para Bauman (2011) os valores da sociedade atual giram em torno de que “[...] devemos evitar a posse de bens de longa duração, sobretudo aqueles que nos custam mais descartar. O consumismo de hoje não visa ao acúmulo de coisas, mas à sua fruição instantânea e imediata”. (Bauman, 2011, p. 113)

O fim do bloco comunista e a divisão bipartida do mundo deveria ter inaugurado um tempo de harmonia, de prosperidade e de paz. Em vez disso, foi um universo de guerra, de riscos e de insegurança que se

---

concepções religiosas, filosóficas e outras de todo período histórico” (JAPIASSÚ et MARCONDES, 2006, p. 181-182).

<sup>2</sup> Aqui o termo pode parecer redundante, mas ao falar de uma “qualidade cada vez mais qualificada” significa um aprimoramento da qualidade, pois hoje já não basta ser apenas bom, tem que ser excelente, e tanto as pessoas como os bens produzidos são medidos por critérios e padrões de qualidade estabelecidos que procurem permear a perfeição. (N.A)

apoderou do planeta, e um testemunho desordenado disso são a multiplicação dos conflitos tribais e a explosão dos fanatismos identitários, as limpezas étnicas, as ressurgências nacionalistas, os fluxos de imigração em massa (150 milhões de indivíduos vivem hoje fora de seu país de origem), mas também os riscos de proliferação das armas nucleares, o terrorismo de massa, as redes criminosas internacionais, o tráfico de imigrantes clandestinos, a delinquência informática. E agora as novas rebeliões da fome, ligadas à explosão mundial do custo da alimentação, que corre o risco de mergulhar milhões de pessoas em uma insegurança alimentar estrutural. Por toda parte, o poder dos mercados, a ditadura do curto prazo e as forças sociais centrífugas criaram um universo instável e imprevisível. O equilíbrio do terror foi substituído por uma caótica ordem mundial. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 19-20).

Devido a essas exigências frente à uma sociedade completamente tecnológica, o homem também necessita de aparatos que o satisfaçam dentro da sua individualidade e, na maioria das vezes, de seu ego.

Habermas (1968) faz críticas ao mundo atual e faz uma leitura de como sendo um processo de racionalização que leva à desintegração do universo social tradicional e à formação de subsistemas especializados para a subjugação da sociedade.

Sob este aspecto, Foucault (2013) desloca o problema para a análise de práticas de poder, tecnologias do corpo, regimes de verdade que formatam corpos dóceis. Neste sentido não há, para Foucault, uma separação entre as práticas do hospital de loucos para o presídio, assim como para a fábrica ou para a escola. Ou seja, a vigilância, a normalização, a sujeição, a disciplina, enfim as práticas de poder produzidas e que produzem cada regime de verdade estão presentes em toda instituição. Uma das comparações mais recorrentes na obra de Foucault diz respeito à instituição psiquiátrica e a escola, pois as duas são fundadas em inquéritos, avaliações e vigilância com o objetivo da normalização do sujeito a partir da disciplina.

Machado. R. (2006), identifica em Foucault as características básicas do poder disciplinar. “Em primeiro lugar, a disciplina é um tipo de organização do espaço. É um processo técnico de distribuição de sujeitos através da inserção dos seus corpos em um espaço: individual, classificatório, combinatório. Desta forma, o sujeito é isolado em um espaço: fechado, esquadrinhado, hierarquizado” (MACHADO. R., 2006, p. 173). O que permite que seja possível extrair do sujeito o desempenho de funções diferentes segundo o objetivo específico que sobre ele o poder fez recair.

Ainda acompanhando as ideias básicas da genealogia do poder foucaultiana, “Em segundo lugar, e mais fundamentalmente, a disciplina é um controle do tempo” (MACHADO. R., 2006, p. 173). Isto é, ela determina uma sujeição do corpo ao tempo, objetivando a máxima produção com o de rapidez e o máximo de eficácia. Porém, o objetivo aqui não é basicamente a produção de algo ou o resultado de uma ação que interessa a quem exerce o poder, mas sim o adestramento disciplinar.

Como terceiro ponto “[...] a vigilância é um dos seus principais instrumentos de controle” (MACHADO. R., 2006, p. 173). Não se trata de uma vigilância exercida de modo fragmentar e que permite a vigilância de tudo permanente sem nunca ser percebido – essa vigilância deve contaminar profundamente o sujeito observado para que este adquira por si mesmo a visão de quem o olha.

Em quarto lugar, mas não em último: “[...] a disciplina implica um registro contínuo de conhecimento” (MACHADO. R., 2006, p. 174). Aqui encontra-se a máxima foucaultiana que entrelaça poder e saber. Ou seja, ao mesmo tempo em que se exerce um poder, produz-se um saber, assim o olhar que a tudo observa para vigiar é o mesmo que retira, anota e transfere as informações dos sujeitos para os pontos mais altos da hierarquia do poder.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, ou seja, corpos dóceis. Essas relações de poder, estabelecidas a partir de um poder disciplinar sobre os sujeitos, têm, então, como características: a organização do espaço e do corpo, o controle do tempo, a vigilância e o registro contínuo do conhecimento, além de aumentar a produtividade no que se refere à economia e diminuir as forças em termos políticos e de obediência.

Ainda dentro desses aspectos, a industrialização, o tecnicismo e o conceito de razão técnica são uma prática de “dominação metódica, científica, calculada e calculante (sobre a natureza e sobre o homem)” (HABERMAS, 1968, p. 46).

O método científico, que levava sempre a uma dominação cada vez mais eficaz da natureza proporcionou depois também os conceitos puros e os instrumentos para uma dominação cada vez mais eficaz da natureza, proporcionou depois também os conceitos puros e instrumentos para uma denominação cada vez mais eficiente do homem sobre o homem, através da dominação da natureza... Hoje a dominação eterniza-se e amplia-se não só mediante a tecnologia, mas como tecnologia. (HABERMAS, 1968, p. 49)

Segundo o pensamento de Habermas (1968), Herbert Marcuse afirma que a ciência “em virtude do seu próprio método e dos seus conceitos, projetou e fomentou

um universo no qual a dominação da natureza se vinculou com a dominação dos homens (...)" (HABERMAS, 1968, p. 50); isto é, não basta apenas dominar o que é material e palpável, pois essa ideologia passou por uma transição assim como o conceito de capitalismo se expandiu.

O capitalismo define-se por um modo de produção que (...) oferece uma legitimação da dominação que já não desce do céu da tradição cultural, mas surge da base do trabalho social. (...) Só com o meio de produção capitalista pode a legitimação do marco institucional religar-se imediatamente com o sistema do trabalho social, pois, só então pode a ordem da propriedade converter-se de *relação política* em *relação de produção*, pois se legitima na racionalidade do mercado, na ideologia da sociedade da troca, e já não numa ordem de dominação legítima. (HABERMAS, 1968, p.64).

Em sua concepção, a “sociedade repolitizou-se”; isto significa que ela não coincide de forma imediata com as relações de produção, teoria Marxista, pois se transformou a relação do sistema econômico com o sistema de dominação.

A ideologia, que antes estava baseada na ilusão que o capitalismo dependia das classes trabalhadoras, também mudou: a ciência passa a carregar uma ideologia intocável, pois justifica interesses e oprime, como também não permite que o homem se emancipe.

Então, Habermas (1968) expande esse pensamento ao afirmar que a legitimação da dominação sobre a sociedade não está mais sobre a ideologia da dominação sobre os modos de produção e sim sobre uma força invisível que é responsável por criar esses modos de produção: como a educação e as artes. Evidencia-se aqui não somente a dominação direta sobre os trabalhadores e sim sobre a cultura imposta e vivenciada por eles, inculcando a ideia do progresso técnico sobre a sociedade. “A nova ideologia viola assim um interesse que é inerente a uma das duas condições fundamentais da nossa existência cultural: à linguagem ou, mais exatamente, à forma da socialização e individualização determinada pela comunicação mediante a linguagem comum” (Habermas, 1968, p. 82).

Como possível consequência e um dos grandes perigos da lógica mercantil e de uma cultura dominada pela ciência e tecnologia é a despolitização da sociedade; uma subjugação se utilizando da literatura, arte, tecnologia e educação. Através desses aparatos, uma nova ideologia da ideologia capitalista vigente é formada, indo muito além da dominação direta: utilizando-se do imaginário, do inconsciente da sociedade, do subjetivo e, por conseguinte, influenciando na criação de novos

valores, concepções e necessidades. “Quanto mais os princípios do liberalismo moderno – o indivíduo, o mercado – governam o mundo democrático, mais ficamos amparados diante de seu curso”. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 18).

Assim, com a pós-modernidade, o capitalismo depende cada vez mais da técnica e da ciência e o avanço tecnológico para a crescente produção depende da ciência. Assim, o sistema social como um todo depende da ciência e das suas produções materiais e imateriais.

[...] um terceiro modelo se estabeleceu há duas ou três décadas, passando a constituir o horizonte cultural das sociedades contemporâneas na era da globalização. Nele, as grandes utopias, os contramodelos de sociedade evaporaram, perderam o essencial de sua credibilidade. Assim, a supervalorização do futuro cedeu passagem ao superinvestimento no presente e a curto prazo. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 13).

Essa ideologia é reafirmada e ratificada pela racionalidade instrumental que nada mais é que a especialização e preparação para o trabalho na indústria. Enfim, o sistema social como um todo depende da ciência e da tecnologia, pois são os meios de alienação e de dominação do homem e da natureza de uma forma que se justifica no progresso e no bem-estar da humanidade.

Vale a pena frisar aqui que com a análise feita por Habermas, o homem não tem mais o controle sobre si mesmo: ele faz parte de um sistema coercitivo no qual se torna um instrumento educado para a reprodução de ideias subjugadoras e alienantes.

Segundo Lipovetsky (2004), a expressão pós-moderno tem o mérito de:

[...] salientar uma mudança de direção, uma reorganização em profundidade do modo de funcionamento social e cultural das sociedades democráticas avançadas. Rápida expansão do consumo e da comunicação e massa; enfraquecimento as normas autoritárias e disciplinares; surto de individualização; consagração do hedonismo e do psicologismo; perda da fé no futuro revolucionário; descontentamento com as paixões políticas e as militâncias – era mesmo preciso dar um nome à enorme transformação que se desenrolava no palco das sociedades abastadas, livres do peso das grandes utopias futuristas da primeira modernidade. (LIPOVETSKY, 2004, p.52).

O autor ainda acrescenta que o conceito pós-moderno está ultrapassado, e que o novo conceito mais apropriado a ser abordado para a sociedade atual seria o

de “hipermoderno<sup>3</sup>”, que é uma quebra total com os valores e as regras da modernidade que a pós-modernidade ainda traz como ranço.

Segundo Lipovetsky e Serroy (2011), “O mundo hipermoderno está desorientado, inseguro, desestabilizado, não ocasionalmente, mas no cotidiano, de maneira estrutural e crônica”. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 18).

Para Bauman (2008), “Stephan Bertman cunhou os termos “cultura agorista” e “cultura apressada” para denotar a maneira como vivemos em nosso tipo de sociedade” (Bauman, 2008, p. 45).

A instabilidade dos desejos e a insaciabilidade das necessidades, assim como a resultante tendência ao consumo instantâneo e à remoção, também instantânea, de seus objetos, harmonizam-se bem com a nova liquidez do ambiente em que as atividades existenciais foram inscritas e tendem a ser conduzidas no futuro previsível. Um ambiente líquido-moderno é inóspito ao planejamento, investimento e armazenamento de longo prazo (Bauman, 2008, p. 45).

Bauman (2009), com suas reflexões sobre a atualidade, fala que “A sociedade contemporânea não precisa do trabalho industrial em massa nem de exércitos enormes (de conscritos)” (BAUMAN, 2009, p. 282). Realmente de uma maneira audaciosa, porém com uma reflexão verdadeira que remete ao pensamento foucaultiano quando fala sobre a pornografia como um tipo de controle social, Bauman (2009) estende a interpretação sobre o panóptico<sup>4</sup> e a manutenção da ordem social.

A era em que as fábricas e tropas eram as instituições decisivas de sustentação da ordem acabou (pelo menos em nossa parte do mundo). Assim como o poder panóptico como veículo principal de integração social e a regulação normativa como a principal estratégia de manutenção da ordem. Hoje, a grande maioria das pessoas está integrada mais pela sedução do que pelo policiamento, mais pela propaganda do que pelo doutrinação, precisa mais da criação do que da regulação normativa.

<sup>3</sup> “Hipermodernidade: uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes se foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisaram adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer” (LIPOVETSKY, 2004, pág. 25).

<sup>4</sup> O *Panóptico* de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. (FOUCAULT, 2013, p. 190).

Quase todos nós estamos social e culturalmente treinados e moldados para buscar e recolher sensações, mais do que sermos produtores e soldados (BAUMAN, 2009, p. 282)

Aqui tem-se a percepção de que toda a indústria (seja ela de bens ou cultural) em crescente desenvolvimento com o advento da pós-modernidade contribui para uma alienação<sup>5</sup> cada vez maior da sociedade e que influencia diretamente nas relações que os homens têm entre si e também com o mundo no qual vivem.

Lipovetsky e Serroy (2011), ao falar sobre cultura, citam que “Nos tempos hipermodernos, a cultura tornou-se um mundo cuja circunferência está em toda parte e o centro em parte alguma”. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p.8). Segundo seu pensamento, o momento atual é expresso pelo termo “cultura-mundo”, que “significa o fim da heterogeneidade tradicional da esfera cultural e a universalização da cultura mercantil, apoderando-se das esferas da vida social, dos modos de existência, da quase totalidade das atividades humanas”. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p.9). “A cultura-mundo designa a espiral da diversificação das experiências consumistas e ao mesmo tempo um cotidiano marcado por um consumo cada vez mais cosmopolítico”. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 15).

Para Lipovetsky e Serroy (2011), “A cultura mundo da hipermodernidade coincide com o fim da guerra fria e, mais amplamente, com a dissolução das ideologias progressistas que afirmam que a história tem um sentido, que ela avança necessariamente pelo caminho da liberdade e da felicidade”. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 19).

Nesta era, o homem descobriu novas formas de relacionar-se socialmente, dispondo da rapidez e eficácia geradas pelo fetiche da tecnologia do mundo virtual.

Quando, igualmente, as mídias e o ciberespaço se tornam instrumentos primordiais da relação com o mundo e, através deles, afirmam-se novas formas de vida transnacional, novas percepções do mundo marcadas pelas interdependências e pelas crescentes interconexões. Na idade moderna as transformações mais importantes da esfera cultural foram impulsionadas pela dinâmica da ideologia individualista, com suas exigências de liberdade e de igualdade; na era da hipermodernidade, a economia e seu poder multiplicado é que se impõem como a instância principal da produção cultural. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 14).

---

<sup>5</sup> *Alienação*: 1.Estado do indivíduo que não se pertence, que não detém o controle de si mesmo ou que se vê privado de seus direitos fundamentais, passando a ser considerado uma coisa. (JAPIASSÚ et MARCONDES, 2006, p. 6).

Novas formas de comunicação acabaram por ocasionar o surgimento de uma sociedade individualizada que por consequência gera personalidades egocêntricas que não reconhecem mais o outro como seu semelhante e não enxergam mais os interesses alheios, importando somente a satisfação do seu próprio eu.

Na era digital, os indivíduos levam uma vida abstrata e digitalizada em vez de partilhar experiências juntos. Enclausurados pelas novas tecnologias, permanecem em casa, em um encasulamento insular. Ao mesmo tempo, enquanto o corpo deixaria de ser o ancoradouro real da vida, organiza-se um universo descorporificado, dessensualizado, desrealizado: o das telas e dos contatos digitalizados. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 45).

Outro aspecto da atualidade que deve ser considerado é o de que “O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves” (BAUMAN, 2004, p. 38).

Não que o seu relacionamento vá adquirir essas assombrosas qualidades sem que algumas condições tenham sido previamente atendidas. Observe que é você quem deve atendê-las — outro ponto favorável a um relacionamento "de bolso", sem dúvida, já que é você e só você que está no controle, e nele permanece por toda a curta vida dessa relação. (BAUMAN, 2004, p.37).

Bauman (2004), ainda define como efêmeras tanto as prática amorosas virtuais quanto os relacionamentos afetivos atuais. A virtualização das comunicações e seu uso desmedido tornaram as relações humanas cada vez mais reificadas<sup>6</sup> e na medida em pode-se dispor de um relacionamento a hora que quiser e tornar a guardá-lo, originou por Bauman (2004) o termo “relacionamento de bolso”.

É inegável que a internet tenha proporcionado e proporcione tantos benefícios com relação à comunicação; hoje é muito fácil e rápido se comunicar com qualquer um em qualquer lugar do mundo além de que pode-se obter informações e ter acesso ao conhecimento de uma maneira veloz: só basta estar conectado. Porém esse acesso ao mundo da internet também traz consequências, principalmente nos tipos de relações e relacionamentos atuais.

---

<sup>6</sup> *Reificação*: 1. Termo que possui sentido negativo, designando a transformação de uma representação mental em uma “coisa”, atribuindo-lhe assim uma realidade autônoma, objetiva. [...]. 2. Segundo a teoria marxista, a reificação é o último estágio da alienação do trabalhador, no sentido de que sua força de trabalho se transforma em valor de troca, escapando a seu próprio controle e tornando-se uma “coisa autônoma”. (JAPIASSÚ ET MARCONDES, 2006, p. 237-238).

Illouz (2006), ao abordar sobre o campo do envolvimento virtual entre as pessoas e a mercantilização das relações, fala que “A internet dificulta muito mais um dos componentes centrais da sociabilidade, qual seja, a nossa capacidade de negociar com nós mesmos, continuamente, os termos em que nos dispomos a estabelecer relações com os outros [...]”. (ILLOUZ, 2011, p. 141).

O relacionamento de “bolso”, citado por Bauman (2004) ratifica cada vez mais com que os contatos exijam menos tempo e esforço para serem estabelecidos, demonstrando uma característica predominante nos tempos atuais, a inconstância e a liquidez das relações. Não que as relações não existam, mas esse tempo utiliza-se da metáfora de que o líquido pode tomar qualquer formato no qual ele for despejado, ou seja, as relações humanas se adaptam aos processos tecnocrático-capitalistas e seus valores de desenvolvimento científico e alienação social.

No mundo líquido moderno, a solidez das coisas, assim como a solidez das relações humanas, vem sendo interpretada como ameaça: qualquer juramento de fidelidade, qualquer compromisso de longo prazo (para não falar nos compromissos intemporais), prenuncia um futuro sobrecarregado de obrigações que limitam a liberdade de movimento e a capacidade de agarrar no voo as novas e ainda desconhecidas oportunidades que venham a surgir. A perspectiva de assumir pelo resto da vida algo ou uma relação difícil de controlar é pura e simplesmente repugnante e assustadora. Não admira que mesmo as coisas mais desejadas envelheçam depressa, percam seu brilho num piscar de olhos e se transformem, de distintivos de honra, em estigmas de vergonha. (Bauman, 2011, p. 112-113).

Porém essa maneira de se viver e encarar os relacionamentos humanos, não surgiu do nada, ele é um processo histórico, entre liberalizações e repressões, vindo, com maior proximidade dos anos, desde a modernidade, do período Vitoriano<sup>7</sup>, conforme aborda Foucault. A repressão que havia neste momento histórico, originou, com o passar do tempo e na transposição da modernidade para a pós-modernidade, um sentimento de “liberdade”, isto é, de querer ser livre e como se quiser ser, tentando romper totalmente com os paradigmas vitorianos. Por isso deve ser retomada a questão de que o corpo é uma ferramenta de lugar no mundo, que eram e ainda são privados de sua liberdade através de prisões, são punidos pela: “redução alimentar, privação sexual, expiação física, masmorra” (FOUCAULT,

---

<sup>7</sup> Período do reinado da rainha Vitória na Grã-Bretanha, que se iniciou no século XIX até o início do XX (1837-1901), em que houve grande desenvolvimento econômico e exploração das classes menos favorecidas, numa retomada aos valores medievais. Neste período foram impostos à sociedade preconceitos rígidos e proibições severas, forçando uma era crescente em moralismos e disciplina. (N.A).

2013, p. 20), até passar para “um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade e as disposições” (FOUCAULT, 2013, p. 21).

A busca pela liberdade permeada pelas relações de poder caracteriza a reificação das relações, que fez com que o homem se trate e trate aos seus demais apenas como um corpo objeto voltado ao atendimento de interesses individuais e egoístas.

Essa maneira de ser, a das relações de descartáveis e de interesse, já foi relatada na peça teatral *Ubu Rei*<sup>8</sup>, e depois inteligentemente abordada e interpretada por Foucault (2001). O termo *ubuesco* é o que torna mais próxima à adjetivação para as relações de poder na sociedade. Os corpos são sucessivamente investidos por relações de poder *ubuescas*.

Foucault (1999) concebeu a sexualidade como um dispositivo histórico, tramada à superfície em que “a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder” (FOUCAULT, 1999, p. 100).

Como na era da primeira revolução sexual, as transformações atuais não são uma aventura histórica que acontece só ao sexo, mas parte integrante de uma mudança social muito mais ampla e completa. Se há 200 anos profundas mudanças nos padrões sexuais associaram-se à construção do sistema panóptico de integração e controle social, hoje, mudanças igualmente profundas acompanham a dissimulação desse sistema: um processo de *desregulamentação* e *privatização* do controle, da organização do espaço e dos problemas de identidade. A segunda revolução sexual também pode ser vista como intimamente relacionada com a passagem da produção social do “produtor/soldado” para o cultivo do tipo do “acumulador de sensações”. (BAUMAN, 1998, p. 183).

A constante abertura para as novas sensações e a cobiça por novas experiências acaba por seduzir cada vez o homem ao vazio existencial. Bauman (2009), cita que:

---

<sup>8</sup> Peça teatral do dramaturgo francês Alfred Jarry (1873-1907), cujo protagonista é o Pai Ubu, um rei golpista que reverte o trono a seu favor à custa de desmesurada e banal ganância, com caráter cruel, cínico e covarde. A personagem do Pai Ubu tem em mente e em prática um sistema perverso de confisco dos pertences de seus súditos cuja finalidade é: “*Com este sistema, eu irei fazer rapidamente fortuna, então eu matarei todo mundo e partirei*”.

O prazer sexual é o auge das sensações de prazer; na verdade, um padrão pelo qual todos os outros prazeres tendem a ser medidos e do qual eles são, de comum acordo, apenas pálidos reflexos no melhor dos casos, e imitações inferiores e falsificadas no pior. Seja lá o que tenha sido dito sobre estratégia de vida de recolher sensações, em geral aplica-se em uma medida ampliada à expressão especificamente pós-moderna do erotismo, esse “processamento cultural” do sexo. Todas as contradições inerentes à vida de um colecionador de sensações costumam afetar a vida sexual com um impacto concentrado – mas existe uma dificuldade extra que surge da inata monotonia e inflexibilidade do sexo (o sexo, lembremos, sendo um fenômeno da natureza, deixa pouco espaço para a inventiva, típica da cultura). Em sua expressão pós-moderna, a atividade sexual está concentrada estritamente no efeito orgástico; na prática, o sexo pós-moderno gira em torno do orgasmo. (Bauman, 2009, p. 284).

Bauman (1998) analisa a sexualidade atual como uma sexualidade superficial baseada em interesses e em encontros casuais.

Um lado da transformação dos nossos dias é o desemaranhamento do sexo do denso tecido de direitos adquiridos e deveres assumidos. Nada retém melhor esse aspecto do que os conceitos de “sexualidade plástica”, “mero relacionamento” e “amor confluyente” [...]. Nada resulta do encontro sexual, salvo o próprio sexo e as sensações que acompanham o encontro; o sexo, pode-se dizer, saiu da casa familiar para a rua, onde apenas os transeuntes acidentais encontram quem – enquanto encontram – sabe que mais cedo ou mais tarde (antes mais cedo do que mais tarde) seus caminhos são obrigados a se separar novamente. (BAUMAN, 1998, p. 184).

No mundo as relações sempre foram estabelecidas através do corpo, pois desde o momento em que o homem precisou lutar pela sua sobrevivência, ir em busca de alimentos para seu sustento, começou a estabelecer relações sociais em grupo, dividiu tarefas, sentiu atração física pelo(a) seu(ua) parceiro(a), sentiu prazer, fez sexo, procriou, dentre outras atividades que envolvam o físico, o corpo tornou-se seu instrumento de sobrevivência na natureza. Essas relações foram se tornando complexas através dos séculos, foram utilizadas, em sua maioria, para a tomada do poder (através da força física e subjugação) ou pelo poder exercido através do trabalho; hoje, na contemporaneidade, elas adquiriram novos formatos, sendo eles científicos, tecnológicos ou culturais.

Mesmo o homem, com todo o aparato que criou para o desenvolvimento científico, cuja justificativa é a melhoria de sua vida no planeta Terra, acabou se perdendo em suas ambições e no uso dessa tecnologia desenvolvida. As relações humanas tornaram-se virtuais e nunca os homens foram tão próximos e distantes ao mesmo tempo.

Os sites de relacionamento pela internet (e mais, os sites que oferecem sexo instantâneo) tendem a apresentar parceiros para transas de uma só noite em catálogos nos quais os “produtos disponíveis” são classificados de acordo com marcas selecionadas – altura, tipo de corpo, origem étnica, pelos corporais etc. (os critérios variam de acordo com o público-alvo e com o que se considera “relevante”). Desse modo, os clientes podem ajustar o(a) parceiro(a) escolhido(a) a partir de pedaços ou partes que parecem determinar a qualidade do “conjunto” e os prazeres sexuais desejados. Nesse processo, de algum modo, o “ser humano” se desintegra e desaparece: não se vê mais a floresta para além das árvores. (BAUMAN, 2011, p. 34).

Porém, o grande problema não está na ciência e no seu desenvolvimento, mas sim na sua utilização, ou seja, com que finalidade ela é usada.

Lipovetsky e Serroy (2011), citam que “É difícil negar que o universo do hiperconsumo traz uma multidão de benefícios [...] ele contribui para tornar possível uma maior autonomia dos indivíduos [...]. Mas, ao mesmo tempo, põe em marcha um processo de desorientação em razão da própria superescolha de que nos beneficiamos [...]”.(LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 58).

Frente à esse pensamento, necessita-se, nesse momento, se ter reflexões éticas que permeiem o comportamento e as ações dos homens, pois numa sociedade tecnológica, acabamos perdendo a capacidade de ouvir o outro e de estabelecer relações mais profundas.

Escolher seu parceiro sexual num catálogo de traços peculiares e usos desejáveis, como se faz com mercadorias selecionadas em catálogos online de empresas comerciais, perpetua o mito que o ato origina; e insinua por si mesmo que cada um de nós, seres humanos, somos menos pessoas ou personalidades cujas qualidades não repetíveis estão todas contidas em nossa singularidade ou peculiaridade, mas uma coleção desordenada de atributos vendáveis ou difíceis de vender. (BAUMAN, 2011, p. 34).

As facilidades tecnológicas oferecidas nos dias atuais acabam por deixar as relações corpóreas, já desgastadas pelos séculos, mais banais e rasas, voltadas, na maior parte das vezes, aos prazeres sensórios.

Para Bauman (1998), “O resultado total é o rápido definhamento das relações humanas, despindo-as de intimidade e emotividade, e o esmorecimento do desejo de entrar nelas, conservá-las vivas”. (BAUMAN, 1998, p. 186). Isso faz com que se esqueça que além de o corpo ser um instrumento de lugar no mundo e de que o poder pode ser exercido através dele e sobre ele, ele também é um instrumento de

manifestação da vida, de alguém que tem uma profunda estrutura psíquica e uma vida interior extremamente complexa.

O que os cidadãos do mundo líquido-moderno logo descobrem é que nada nesse mundo se destina a durar, que dirá para sempre. Objetos hoje recomendados como úteis e indispensáveis tendem a “virar coisa do passado” muito antes de terem tempo de se estabelecer e se transformar em necessidade ou hábito. Nada é visto como estando aqui para sempre, nada parece insubstituível. Tudo nasce com a marca da morte iminente e emerge da linha de produção com o “prazo de validade” impresso ou presumido. [...] Tudo que nasce ou é feito, humano ou não, é dispensável [...]. (BAUMAN, 2013, p. 22-23).

É no jogo dos relacionamentos instantâneos e superficiais que a sociedade entra em crise e em colapso emocional e social. Ainda é incentivado o individualismo e a conquista de objetivos e metas individuais, sem ter um pensamento no coletivo.

Com a cultura-mundo, dissemina-se em todo o globo a cultura da tecnociência, do mercado, do indivíduo, das mídias, do consumo; e, com ela, uma infinidade de novos problemas que põem em jogo questões não só globais (ecologia, imigração, crise econômica, miséria do Terceiro Mundo, terrorismo...) mas também existenciais (identidade, crenças, crise dos sentidos, distúrbios da personalidade...). A cultura globalitária não é apenas um fato; é ao mesmo tempo, um questionamento tão intenso quanto inquieto de si mesma. Mundo que se torna cultura, cultura que se torna mundo: uma cultura-mundo. (LIPOVETSKY ET SERROY, 2011, p. 9).

Lipovetsky (2007) ao relacionar as decepções da sociedade atual com os relacionamentos, fala que “de longe, as maiores desilusões e frustrações que sentimos são muito mais afetivas do que políticas ou consumistas” (LIPOVETSKY, 2007, p. 18), pois, segundo ele, “o amor nunca se ausenta do cotidiano humano, sendo constantemente exaltado nas canções, nos filmes, na televisão, nas revistas. Se, por um lado, no mundo hodierno, o utilitarismo mercantil avança, por outro, também se expande o culto do sentimento” (LIPOVETSKY, 2007, p. 18).

De acordo com Lipovetsky e Serroy (2001), “[...] a cultura mundo é a da compressão do tempo e do encolhimento do espaço. Além disso, as ferramentas informáticas tornam possível uma comunicação em tempo real, criando um sentimento de simultaneidade e de imediatismo que transcende as barreiras do espaço e do tempo”. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 16).

O autor fala do hiperconsumismo voltado aos relacionamentos na busca pela “novidade”, pelo “desejo de conquistar algo”, o que acaba gerando uma “conduta desinteressada” guiada pelo “hiperindividualismo” e pelo “extravasamento das

emoções” de uma forma egoísta. “Desde a década de 1950, os mais perspicazes observadores dos fenômenos sociais apontaram uma realidade: a vida sexual tomara a feição de um domínio inspirado nos hábitos do consumo” (LIPOVETSKY, 2007, p. 20).

Eis-nos em uma cultura pós-revolucionária e ao mesmo tempo hipercapitalista. Em toda parte, o imaginário da competição, a cultura de mercado é que triunfam e se difundem, redefinindo os domínios da vida social e cultural. [...] Cai-se na cultura-mundo quando o elemento de oposição constituído pelas vanguardas é ele próprio integrado na ordem econômica, quando a cultura não constitui mais “um império em um império”, quando o mercado coloniza a cultura e os modos de vida. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 14).

Embora haja a luta pelos direitos humanos (inegavelmente justa) que envolvem as lutas pelos direitos das mulheres, dos prisioneiros, dos psiquiatrizados, dos homossexuais, dos transgêneros, dos ambientalistas, dentre outros grupos, essas lutas nasceram todas de uma luta específica contra uma forma particular de poder, de coerção, de controle que se exerce sobre eles.

Digamos que a ausência de erotismo na vida, a banalização das relações e a escassez de interlocução entre os indivíduos são fatores que geram mais aflição e abatimento do que a liberação sexual em si. Nesse campo de ação, a revolução sexual levou a cabo tudo aquilo que era de se esperar. Seria utópico imaginar que ela garantisse um estado de orgasmo permanente a 6 milhões de indivíduos. No âmbito das sociedades em que a vida sexual é livre, a sensação habitual de frustrações e descontentamentos constitui o quinhão de cada pessoa. A felicidade na ordem do sensível não pode entrar na plataforma de nenhum partido político: depende, inevitavelmente, de atrativos, preferências e pendores individuais. É impossível agradar, constantemente, a todos. (LIPOVETSKY, 2007, p. 22-23).

Ao se considerar que é impossível se agradar a todos a todo tempo, é importante levar em consideração que essas lutas fazem parte de um movimento de resistência. Foi através da luta pela conquista de direitos de expressão e do poder que o corpo exerce na sociedade, que o homem acabou ficando sem um direcionamento, sem um norte para a convivência individual, em grupo e em sociedade, havendo uma banalização do corpo e de tudo que compõe a vida nele.

Porém, independente de conquistas e retrocessos, o ser humano precisa se aprofundar cada vez mais acerca das suas vivências, refletir sobre seus comportamentos e projetar o que quer para seu futuro no planeta no qual habita. Muitos pensadores colocam a educação como o meio para se alcançar esses

objetivos, porém, para se fazer a reflexão sobre si mesmo e elaborar uma reflexão profunda sobre sua realidade é necessário refletir sobre a educação nos tempos atuais, como ela influencia a atualidade e como a atualidade a influencia.

## 2. A EDUCAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE

Para iniciar este capítulo, é importante citar Lipovetsky e Serroy (2011), que embora expresse um pensamento pouco esperançoso, é extremamente realista:

O mundo hipermoderno, tal como se apresenta hoje, organiza-se em torno de quatro polos estruturantes que desenham a fisionomia dos novos tempos. Essas axiomáticas são: o *hipercapitalismo*, força motriz da globalização financeira; a *hipertecnização*, grau superlativo da universidade técnica moderna; o *hiperindividualismo*, concretizando a espiral do átomo individual daí em diante desprendido das coerções comunitárias à antiga; o *hiperconsumo*, forma hipertrofiada e exponencial do hedonismo mercantil. Essas lógicas em constantes interações compõem um universo dominado pela tecnicização universalista, a desterritorialização acelerada e uma crescente comercialização planetarizada. É nessas condições que a época vê triunfar uma cultura globalizada ou globalista, uma cultura sem fronteiras cujo objetivo não é outro senão uma sociedade universal de consumidores. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 32).

Seguindo esses aspectos, retratar a Educação na Pós-Modernidade é como querer tratar de um problema de saúde que tem cura, mas que o paciente não se encontra em um ambiente propício para o seu tratamento. É com esta metáfora que se inicia esta linha de pensamento cuja finalidade é fazer um diagnóstico sobre a Educação na atualidade.

Segundo Bauman (2013): “Levou mais de dois milênios, desde que os sábios da antiga Grécia inventaram a noção da *paideia*, para que a ideia de “educação por toda a vida” se transformasse de paradoxo (uma contradição em termos) em pleonasmos (como “manteiga amanteigada” ou “ferro metálico”)”. (BAUMAN, 2013, p. 19).

A “crise da educação” que tanto se discute em nossos dias não é absolutamente nova. A história da educação sempre esteve repleta de períodos cruciais nos quais se tornou evidente que pressupostos e estratégias experimentadas e em aparência confiáveis estavam perdendo contato com a realidade e precisavam ser revistos ou reformados. Parece, no entanto, que a crise atual é diferente das anteriores. (Bauman, 2011, p. 112).

Para ele a grande transformação na educação se notou e ocorreu nas últimas décadas, “[...] em consequência do ritmo radicalmente acelerado da mudança no cenário social dos dois principais conjuntos de atores da educação: professores e alunos”. (BAUMAN, 2013, p. 19).

A marcha triunfal do conhecimento pelo mundo moderno progrediu em duas frentes.

Na primeira, novas partes ou aspectos ainda inexplorados foram invadidos, capturados, examinados e mapeados. O império que os avanços dessa primeira frente ajudaram a construir foi o da informação, cujo propósito era representar o mundo. No momento da representação, a parte representada do mundo “se fez inteligível”: conquistada e reivindicada para os seres humanos.

A segunda frente foi a da educação: progrediu pela expansão do cânone da educação e pelo aumento das capacidades perceptivas e retentivas dos educados. Nas duas frentes, a “meta final” do avanço – o fim da guerra – foi claramente visualizada desde o início: todos os espaços vazios deviam ser eventualmente preenchidos, cabia criar um *mappa mundi* completo e, enfim, seriam oferecidas aos membros da espécie humana todas as informações necessárias e suficientes para se movimentarem livremente pelo mundo, com a provisão do número de canais de transmissão educacional necessária. O problema era que quanto mais a guerra progredia e mais crescia a lista de batalhas vencidas, mais para longe parecia recuar a “meta final”. (Bauman, 2011, p. 122)

A consciência pós-moderna é a consciência de um fracasso da modernidade, que fracassou nas utopias; esse fracasso gerou a perda de referências, de valores que antes eram basilares para a modernidade.

Seguindo esse viés, Lipovetsky e Serroy (2011) defendem que “O triunfo do hipercapitalismo não é apenas econômico; é cultural, tornando-se o esquema organizador de todas as atividades, o modelo geral do agir e da vida em sociedade. Ele atingiu o imaginário coletivo e individual, os modos de pensamento, os objetivos da existência, a relação com a cultura, com a política e com a educação”. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 38).

Assim, a educação, neste cenário se baseia na transitoriedade e rapidez de informações, gerando o descarte da necessidade de conhecimentos e experiências adquiridas. A rapidez e a necessidade de não se perder tempo acaba por enfatizar o descarte do pensamento reflexivo. Aos alunos, “[...] o que precisam que lhes forneçam de início é a *capacidade* de aprender, e aprender depressa. Isso é óbvio. O que é menos visível, porém, embora não menos crucial que o talento de aprender depressa, é a capacidade de *esquecer* instantaneamente o que foi aprendido antes”. (BAUMAN, 2013, p. 20-21).

A massa de conhecimento acumulado se tornou o epítome da desordem e do caos. Todos os recursos ortodoxos de organização utilizáveis – classificação por relevância temática, atribuição de importância, necessidades que determinam a utilidade e autoridades que determinam o valor – sucumbiram, foram tragados e diluídos no acúmulo de informações,

como se atraídos por misterioso buraco negro cósmico. (Bauman, 2011, p. 124)

Com a recusa de narrativas longas sobre a complexidade das ideias, a sociedade contemporânea se vê envolta em um mar de superficialidade sobre os assuntos e problemas, o que torna o homem cada vez mais raso e volúvel em suas opiniões, ou seja, a Pós-Modernidade é um ambiente inóspito à educação gerado pelo esvaziamento da reflexão. “Se a vida pré-moderna era uma encenação diária da infinita duração de todas as coisas, exceto a vida mortal, a vida líquido-moderna é uma encenação diária da transitoriedade universal”. (BAUMAN, 2013, p. 22).

Por isso a ideia de que a educação possa ser um “produto” destinado à apropriação e conservado para sempre é desanimadora e sem dúvida não beneficia a institucionalização da escola. Para convencer seus filhos sobre a importância do estudo, os pais e mães de antigamente costumavam dizer que “o que vocês aprenderam nunca mais ninguém vai lhes tirar”. Essa promessa podia parecer encorajadora para as crianças de então, mas os jovens de hoje ficariam horrorizados se seus pais ainda usassem esse tipo de argumento. No mundo contemporâneo, os compromissos tendem a ser evitados, a menos que venham acompanhados de uma cláusula de “até segunda ordem”. (Bauman, 2011, p. 113-114)

Bauman (2013) cita que “O único propósito invariável da educação era, é e continuará a ser a preparação desses jovens para a vida segundo as realidades que tenderão a enfrentar. Para estar preparados, eles precisam da instrução: “conhecimento prático, concreto e imediatamente aplicável”. (BAUMAN, 2013, p. 25).

Para ele “a cultura líquido-moderna não se sente mais uma cultura da aprendizagem e da acumulação, como as culturas registradas nos relatos de historiadores e etnógrafos. Em vez disso, parece *cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento*”. (BAUMAN, 2013, p. 36).

Bauman (2011) ainda cita que “Ralph Waldo Emerson observou que, quando patinamos sobre gelo fino, o que nos salva é a velocidade. Seria bom aconselhar aos que buscam se salvar a se mover bem depressa a fim de evitar o perigo de forçar demais a resistência em determinado ponto”. (Bauman, 2011, p.115). Ele ainda fala que “[...] o mundo que habitamos parece muito mais uma máquina de esquecer que um ambiente favorável e propício ao estudo”. (Bauman, 2011, p. 114-115)

Em nossas sociedades com economias supostamente qualificadas pelo conhecimento e orientadas pela informação, com o sucesso econômico

orientado pela educação, o conhecimento parece ter deixado de garantir o sucesso, e a educação já não provê esse conhecimento. Está começando a evaporar a visão de uma mobilidade social ascendente orientada pela educação, neutralizando as toxinas da desigualdade e tornando-as suportáveis e inofensivas; e, simultaneamente, o que é ainda desastroso, rarefaz-se a visão da educação como algo capaz de manter em operação a mobilidade social ascendente. Sua dissipação significa um problema para a educação tal como a conhecemos. Mas também significa um problema para a desculpa favorita de comumente usada em nossa sociedade no esforço de justificar suas injustiças. (BAUMAN, 2013, p. 67).

Hoje, com o desinteresse de se obter conhecimento, há somente o interesse pela novidade, o que se chama de “uma cultura “agorista” – inquieta e em perpétua mudança [...]”. (BAUMAN, 2013, p. 34).

Os jovens dessa geração, segundo Bauman (2013) “foram preparados e adestrados para acreditar que sua tarefa na vida é ultrapassar e deixar para trás as histórias de sucesso de seus pais; e que essa tarefa (excluindo-se um golpe cruel do destino ou sua própria inadequação, eminentemente curável) está totalmente dentro de suas possibilidades”. (BAUMAN, 2013, p. 45).

Nada os preparou para a chegada do novo mundo inflexível, inóspito e pouco atraente, o mundo da degradação de valores, da desvalorização dos méritos obtidos, das portas fechadas, da volatilidade dos empregos e da obstinação do desemprego; da transitoriedade das expectativas e da durabilidade das derrotas; um novo mundo de projetos natimortos e esperanças frustradas, e de oportunidades mais notáveis por sua ausência. (BAUMAN, 2013, p. 45).

Hoje fala-se em unificação da humanidade, em globalização sob todos os aspectos, independente de cultura, localização geográfica, gênero, raça ou estamentos, num conceito que vai além do “cidadão do mundo<sup>9</sup>”: todos formando uma teia interdependente, que se conecta com todos e depende do seu “vizinho” para conseguir manter a rede firme e forte, porém, essa geração de jovens na atualidade são anunciadas como a “geração Ni-Ni”, que significa “nem emprego nem educação), o que segundo pensadores franceses “[...] talvez a primeira geração realmente global” (BAUMAN, 2013, p. 67), que demonstrará a força e o poder de uma cultura globalizada desenfreada.

---

<sup>9</sup> Não mais o ideal do “cidadão do mundo”, mas o mundo sem fronteiras dos capitais e das multinacionais, do ciberespaço e do consumismo. Não se limitando mais à esfera do ideal, ela remete à realidade planetária hipermoderna em que, pela primeira vez, a economia mundial se ordena segundo um modelo único de normas, valores e objetivos – o *éthos* e o sistema capitalista -, e em que a cultura se impõe como um mundo econômico de pleno direito. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p.9).

A educação assumiu muitas formas no passado e se demonstrou capaz de adaptar-se à mudança das circunstâncias, de definir novos objetivos e elaborar novas estratégias. Mas, permitam-me repetir: a mudança atual não é igual às que se verificaram no passado. Em nenhum momento crucial da história da humanidade os educadores enfrentaram desafio comparável ao divisor de águas que hoje nos é apresentado. A verdade é que nós nunca estivemos antes nessa situação. Ainda é preciso aprender a arte de viver num mundo saturado de informações. E também a arte mais difícil e fascinante de preparar seres humanos para essa vida. (Bauman, 2011, p. 125)

Bauman (2011) finaliza sua reflexão sobre a educação dizendo que “O problema é que apenas reformar as estratégias educacionais, por inteligentes e completas que sejam, resolve muito pouco ou quase nada”. (Bauman, 2011, p. 118). Hoje o que os homens e mulheres ambicionam são “orientadores para lhes mostrar como caminhar, e não professores que lhes façam seguir a única estrada possível – aliás, já cheia de gente, justamente por ser “a única””. (Bauman, 2011, p. 120), este é o retrado da modernidade líquida. Lipovetsky e Serroy (2011) falam que essas características são originadas pela “[...] hipermodernização do mundo que avança, remodelado que ele está pelas lógicas do individualismo e do consumismo”. (LIPOVETSKY; SERRROY, 2011, p. 13).

Aceitar uma realidade não é fácil, muitas vezes é preciso colocar o “dedo na ferida”, como diz o ditado popular, para conseguir estabelecer conexões com o passado, descobrir possíveis causas que originaram o estado atual no qual a sociedade vive e conseguir traçar possíveis caminhos de melhoria.

Nem sempre o caminho mais fácil pode ser o melhor, nem sempre o caminho mais simples pode ser o correto. É com este pensamento que este capítulo é encerrado e se inicia um novo capítulo deste trabalho que abordará a importância da reflexão nos tempos atuais, demonstrando o valor do pensamento filosófico para qualquer tipo de mudança.

### 3. A IMPORTÂNCIA DA REFLEXÃO NO CONTEXTO PÓS-MODERNO

De fato, é grande o desafio de mudança em uma sociedade “líquida” e “hiperconsumista”. Segundo Bauman (2011), é um processo trabalhoso e contínuo, podendo ser chamado até de perseverante. Para ele essa mudança:

Trata-se, sem dúvida, de uma possibilidade remota (inverossímil ou pretensiosa, diriam alguns), que exige um período prolongado, tortuoso e muitas vezes doloroso de autocrítica e reajuste. Nascemos e crescemos numa sociedade completamente “individualizada”, na qual a autonomia, a autossuficiência e o egocentrismo do indivíduo eram axiomas que não exigiam provas (nem as admitiam), e que dava pouco espaço, se é que dava, à discussão. Só que mudar nossa visão de mundo e assumir uma compreensão adequada do lugar e do papel que temos na sociedade não é fácil nem se faz de um dia para o outro. No entanto, essa mudança parece ser imperativa, na verdade, inevitável. (BAUMAN, 2011, p. 164).

Diante de situações contraditórias e desfavoráveis para uma melhoria da convivência entre as pessoas entre si e com o mundo no qual habita, além de o momento atual ser considerado “inóspito à educação”, Habermas (2004) completa esse pensamento ao dizer que “[...] nas sociedades liberais, cada um tem o direito de desenvolver sua própria concepção da vida boa ou não frustrada e de persegui-la [...]”. Segundo ele, “as éticas modernas não mais privilegiam nenhum modelo publicamente reconhecido de vida exemplar, mas aconselham ao indivíduo privado que se envolva numa forma determinada de reflexão, no intuito de levar uma vida autêntica”. (HABERMAS, 2004, p. 315).

Para ele, “[...] uma modernidade desprovida de modelos tem de construir, por força própria, uma autocompreensão normativa”. (HABERMAS, 2004, p. 318).

A atualidade para Lipovetsky e Serroy (2011) é de que “A cultura se difrata enormemente no mundo material, que se empenha em criar bens impregnados de sentido, de identidade, e estilo, e moda, de criatividade, através das marcas, de sua comercialização e de sua comunicação”. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 10-11).

A preocupação atual é de como construir por força própria um modelo de autocompreensão normativa vivendo-se em um mundo sem referências e de valores volúveis e egoístas.

Habermas (2004) se refere a essa construção de um modelo por si mesmo através do processo reflexivo pautado numa análise profunda da atualidade da sociedade em que: “Em primeiro lugar, a filosofia pode dar uma contribuição

específica para a autocompreensão das sociedades modernas, calcada no diagnóstico da época”. (HABERMAS, 2004, p. 324).

Em uma sociedade em que o homem torna-se responsável pelas suas ações e “colhe aquilo que semeou”, o processo educativo deve se basear na reflexão e pensamento crítico acerca da sua realidade, pois “Nas condições do pensamento pós-metafísico, eles não podem contentar os filhos e as filhas da modernidade, que necessitam de orientação, com um sucedâneo de visão de mundo que substituiria as certezas perdidas da fé religiosa ou as definições de lugar que o homem ocupa no cosmo”. (HABERMAS, 2004, p. 323).

Com a pós-modernidade já não há mais uma força superior que possa ser “acionada” e consiga resolver todos os problemas do mundo, cabendo ao homem a responsabilidade pelas suas escolhas e seus atos.

Nesse contexto da importância da reflexão, este mesmo autor cita que “Kant e Rousseau concebem a autonomia como a faculdade de ligar a vontade própria a leis que podem ser adotadas por todos, cada um podendo compreender o que é igualmente bom para todos” (HABERMAS, 2004, p. 315), concluindo que “[...] toda pessoa, *enquanto* pessoa, tem o mesmo valor”. (HABERMAS, 2004, p. 326).

Como uma importante contribuição a ser feita para os tempos atuais, Habermas (1990) defende que uma forma de se possibilitar alguma mudança na atualidade seja dada através da teoria e da prática, que se relacionam e que a teoria pode e deve ser aplicada aos contextos práticos, e assim elas se tornam uma passagem para o agir comunicativo.

A Teoria do Agir Comunicativo é uma interação simbólica, dada através de normas que definem expectativas de comportamento recíproco; essas normas precisam ser compreendidas por pelo menos dois sujeitos.

Os atores participantes tentam definir *cooperativamente* os seus planos de ação, levando em conta uns aos outros, no horizonte de um mundo da vida compartilhado e na base de interpretações comuns da situação. Além disso, eles estão dispostos a atingir esses objetivos mediatos da definição da situação e da escolha dos fins assumindo o papel de falantes e ouvintes, que falam e ouvem *através de processos de entendimento*. (HABERMAS, 1990, p.72)

Sua justificativa está no fato de um lado, os sujeitos se encontrarem num mundo aberto e estruturado linguisticamente. No mundo a linguagem se faz valer aos sujeitos falantes como sendo algo “objetivo e processual”. Também deve ser

considerado que “o mundo da vida, aberto e estruturado linguisticamente”, encontra o seu ponto de apoio somente na “prática de entendimento de uma comunidade de linguagem”.

O entendimento através da linguagem funciona da seguinte maneira: os participantes da interação unem-se através da validade pretendida de suas ações de fala ou tomam em consideração os dissensos constatados. Através das ações de fala são levantadas pretensões de validade criticáveis, as quais apontam para um reconhecimento intersubjetivo. A oferta contida num ato de fala adquire força obrigatória quando o falante garante, através de sua pretensão de validade, que está em condições de resgatar essa pretensão, caso seja exigido, empregando o tipo correto de argumentos (HABERMAS, 1990, p. 72).

A formação linguística do consenso, através da qual as interações se entrelaçam no tempo e no espaço, permanece aí dependente das tomadas de posição autônomas dos participantes da comunicação, que dizem sim ou não a pretensões de validade criticáveis. “A passagem da filosofia da consciência para a filosofia da linguagem traz vantagens objetivas, além de metódicas” (HABERMAS, 1990, p. 53).

Habermas (1990) delinea traços transcendentais de uma comunicação e de um entendimento possível, que revele as normas fundamentais para todos aqueles que querem ser considerados como capazes de comunicar e construir um argumento, e que podem ser reconhecidas e utilizadas como justificativa para a ação em uma teoria crítica da sociedade contemporânea. “A introdução de um novo meio de comunicação, capaz de canalizar correntes de informação que dirigem o comportamento, parece ser mais promissora do que a tentativa de renovar, com o auxílio de meios modernos, o conceito clássico da ordem instrumental” (HABERMAS, 1990, p. 82).

Ele afirma que para a ação, as regras apreendidas instrumentalizam os sujeitos com “disciplina das habilidades e uma intersubjetividade que permitem resolver problemas e agir conforme as normas”. O quadro institucional da sociedade consiste de normas que guiam as “interações verbalmente mediatizadas”, mas existem subsistemas como o Estado onde são institucionalizadas ações racionais (são dirigidas e impostas ao comportamento). Há outros subsistemas como família que estão ligados a tarefas e habilidades, porém, é pela institucionalização que pode ter garantia de que os sujeitos seguirão regras técnicas buscando estratégias satisfatórias.

Em suma, Habermas defende que “uma análise metodicamente confiável da atividade do espírito não deve começar pelos fenômenos da consciência e sim pelas suas expressões linguísticas”.

Assim, ele cita que “Como tradição cultural, a linguagem entra na ação comunicativa; pois, só as significações intersubjetivamente válidas e constantes, que se obtém da tradição, facultam orientações com reciprocidade, isto é, expectativas complementares de comportamento. Assim, a interação depende das comunicações linguísticas que se tornaram familiares”. (HABERMAS, 1968, p. 31).

A vantagem oferecida é que os sujeitos que agem comunicativamente estão “dispensados do trabalho da síntese formadora do mundo”; eles se encontram no contexto de “um mundo da vida que torna possíveis suas ações comunicativas” e que se mantém a si mesmo através do meio desses processos de entendimento.

Na perspectiva de Habermas o agir comunicativo torna-se um espaço e oportunidade para a discussão das diferenças e possibilidade da busca por um entendimento em relação às várias questões do mundo da vida – que é o que ele aponta como uma possibilidade para os rumos da filosofia contemporânea.

Segundo Bannell (2013) a chave da teoria habermasiana é a de que os processos de deliberação moral, nos quais “participantes continuem seu agir comunicativo, em uma atitude reflexiva, com o objetivo de restaurar um consenso que foi interrompido para resolver conflitos de ação por meios consensuais”. (BANNELL, 2013, p. 107).

À filosofia caberia um papel de intérprete, responsável pela mediação entre as culturas especializadas da ciência, da técnica, do direito e da moral de um lado, e o mundo da vida<sup>10</sup>, regido pelo agir comunicativo de outro.

Bannell (2013) cita que para Habermas a aprendizagem pode “acontecer tanto nas esferas ética e moral da vida como na esfera cognitiva. Podemos ficar mais esclarecidos sobre aspectos do nosso mundo da vida, bem como de nosso projeto pessoal da vida, pela deliberação ética. Também podemos chegar a normas morais universais pelo Discurso moral-prático”. (BANNELL, 2013, p. 108).

Através de um processo reflexivo e racional sobre a sociedade e o seu papel, Habermas (1993) faz interessantes proposições sob um ponto de vista com a

---

<sup>10</sup> O lugar em que o falante e o ouvinte se encontram e que podem criticar e exibir os fundamentos das respectivas pretensões de validade, resolver seus desentendimentos e chegar a um acordo (N.A)

racionalidade comunicativa mediada pela linguagem. Aqui, faz-se a ponte com a educação e suas reflexões na pós-modernidade.

Quando os pais querem educar os seus filhos, quando as gerações que vivem hoje querem se apropriar do saber transmitido pelas gerações passadas, quando os indivíduos e os grupos querem cooperar entre si, isto é, viver pacificamente com o mínimo de emprego de força, são obrigados a agir comunicativamente. Existem funções sociais elementares que, para serem preenchidas, implicam necessariamente o agir comunicativo. Em nossos mundos da vida, compartilhados intersubjetivamente e que se sobrepõem uns aos outros, está instalado um amplo pano de fundo consensual, sem o qual a prática cotidiana não poderia funcionar de forma alguma. (HABERMAS, 1993, p. 105).

A teoria do agir comunicativo e a importância da filosofia para o mundo foram citadas neste capítulo devido à sua relevância para o desenvolvimento de um pensamento reflexivo pautado dentro da racionalidade. O homem precisa fazer o caminho de volta à reflexão para a aquisição de conhecimentos, para a formulação de proposições linguísticas que possibilitem uma comunicação mais eficaz e possibilite um conhecimento objetivo sobre a realidade do mundo e compreensão de que todos os homens são iguais em seus direitos. Esse modo de ver e agir pode gerar um entendimento mútuo, respeito e emancipação das ações humanas dentro de um senso crítico desenvolvido socialmente.

Somente para retomar o contexto do trabalho, cujo objetivo principal é o de fazer um diagnóstico da pós-modernidade, segundo Lipovetsky e Serroy (2011), “Uma cultura-mundo que não reflete o mundo, mas o constitui, o engendra, o modela, o faz evoluir, e isso de maneira planetária”. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 11), e mesmo vários outros autores fazendo esse diagnóstico de maneira aparentemente pessimista, principalmente sobre o processo educativo que encontra-se prisioneiro da realidade na qual está inserido, incentivar e desenvolver o pensamento reflexivo é um dos caminhos que pode-se utilizar para um agir também reflexivo. A reflexão, a análise da realidade, a conexão de conhecimentos e as interpretações acerca do mundo ao seu redor e também de si mesmo, não se conseguem do dia para a noite, é um caminho árduo a ser desbravado por pais, famílias, professores, alunos, sociedade em geral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O imediatismo da sociedade contemporânea está tão presente e vivo em nossas vidas que nem apercebe de sua existência; está entranhado nos seres oferecendo a experiência de estar dentro de uma normalidade, o que não está errado se for utilizada de uma lógica de vida atual. As pessoas já não tem mais paciência para resultados demorados: a rapidez, a agilidade e a eficiência tomam conta das características de todos os setores da sociedade.

Na pós-modernidade, há um esvaziamento do ser humano e dos seus fundamentos éticos, o que gera um mal-estar coletivo através de ideias de individualismo, que desenvolvem conceitos hedonistas de felicidade e bem-estar. O progresso científico e tecnológico revela-se ambivalente, servindo tanto aos interesses voltados à vida como à subjugação, exploração e morte, impactando irremediavelmente a natureza e a cultura capitalista exclui populações inteiras das condições mínimas de dignidade da vida humana.

As relações tornam-se descartáveis assim que os interesses pelos indivíduos e com os quais se relacionam, são saciados ou quando já não são preenchidas mais as necessidades que um tem pelo outro. Assim a sociedade que pode ser chamada de “consumo” privilegia o supérfluo e o suprimento instantâneo de suas vontades, retirando tudo o que lhe interessa de um determinado objeto ou pessoa e tirando proveito dos bens gerados através desse processo.

No mundo atual não há como se desvencilhar dos aparatos tecnológicos, e um dos pontos que sempre será objetivado é que seja aumentada a rapidez das trocas de informação por meios tecnológicos cada vez mais aprimorados, o que acabar tornando o homem próprio escravo de “estar conectado” com tudo e com todos.

O alívio pela realização de desejos e a busca pelo prazer rápido e instantâneo caracterizam as gerações pós-modernas. O corpo caracteriza-se nada mais do que um instrumento, uma ferramenta de lugar no mundo.

A liquidez dos tempos atuais faz com que o ser humano se distancie da reflexão moral, pois essa instabilidade das relações é alimentada pelo motor de que cada um deve ir em busca da sua felicidade; há uma liberdade de escolhas e de que a qualquer momento, de acordo com interesses pessoais, as relações podem acabar como se nunca tivessem começado.

As características contemporâneas, da sociedade pós-moderna, servem apenas para si e podem ser explicadas devido ao seu contexto. Pode-se fazer comparações e até conexões com outros tempos históricos, porém devemos ter o cuidado de saber separar as experiências de uma determinada sociedade num determinado tempo, dos julgamentos feitos através de experiências mais amplas de uma determinada atualidade. Isto é, jamais poderemos dizer se uma determinada situação ou modo de agir estão certos comparando-os a tempos passados, pois a vida é dinâmica e está cada vez mais entrando em uma complexidade que muitas vezes torna-se difícil de ser explicada. Ao trazer experiências póstumas, o único caminho a se fazer é tirar-lhes o devido proveito para a busca de um futuro mais próximo do que acreditamos que seja melhor.

Mesmo com um diagnóstico que pode aparentar pessimista, da crise pode surgir a solução ou soluções para o avanço do desenvolvimento da humanidade do homem. Os problemas gerados pela modernidade e pela pós-modernidade, mesmo ainda profundamente arraigados na sociedade, estão gerando um sentimento global de pertencimento planetário, de tolerância, de respeito ao diferente e a si mesmo, e igualdade nos direitos e nas riquezas produzidas pelo homem. A Ecologia voltada para a vida na Terra é um dos temas mais recorrentes hoje devido à escassez de recursos naturais não renováveis e a busca pela qualidade de vida em um planeta mais saudável.

Nesse panorama, a educação encontra-se em uma guerra em que não há inimigos, somente pessoas que estão enredadas por um sistema político-econômico desenvolvido por séculos e que dominará o mundo ainda por mais algum tempo. Neste sistema pós-moderno de relações descartáveis com o mundo e com tudo que nele contém, o mundo torna-se inóspito à educação e à reflexão. Porém a educação é um dos fundamentos maiores para a construção e o aprimoramento da sociedade pós-moderna, pois é através do desenvolvimento do processo reflexivo profundo sobre os pensamentos e o agir que pode-se estabelecer vínculos mais humanos e mais próximos no convívio com o outro e no respeito com o planeta.

É essa a reflexão que se objetivou ao se fazer um diagnóstico da pós-modernidade: a sociedade pode estar contaminada por um esvaziamento de si mesma, mas nenhum espaço cheio pode ser preenchido com o que é novo, somente os espaços vazios. É este o momento das oportunidades para as

mudanças e melhorias na sociedade contemporânea. A filosofia pode auxiliar nesse processo com seu potencial reflexivo e educacional.

Poderiam ser escritas página e mais páginas sobre o aprendizado pessoal que este trabalho trouxe, sobre todo o crescimento proporcionado pelo curso de especialização em Filosofia da Educação, porém com poucas palavras, porém profundas, consigo expressar todo meu estudo: o homem se humaniza diante de uma educação filosófica.

## REFERÊNCIAS

BANNELL, Ralph Ings. **Habermas & a Educação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

\_\_\_\_\_. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. **Sobre educação e juventude**: conversas com Riccardo Mazzeo. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2013.

\_\_\_\_\_. **Vidas desperdiçadas**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

\_\_\_\_\_. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os anormais**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Ed. Petrópolis, 2013.

HABERMAS, Jürgen. **Passado como futuro**. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

\_\_\_\_\_. **Pensamento Pós-Metafísico**: estudos filosóficos. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

\_\_\_\_\_. **Técnica e ciência como ideologia**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1968.

\_\_\_\_\_. **Verdade e Justificação**: Ensaio Filosófico. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2004.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos de capitalismo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Trad. Armando Braio Ara. Barueri: Manole, 2007.

\_\_\_\_\_. **Os tempos hipermodernos**. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. 3 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006).